

EXPORTAÇÃO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS

VICTOR JOSÉ PELLEGRINI (*)

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho, "Exportação de Produtos Agrícolas", resume-se numa apreciação geral do problema e na análise individual de 16 dos principais produtos exportados pelo Brasil, no período 1953-1966.

Para sua elaboração contou o autor com o auxílio de vários técnicos do Departamento Econômico do Ministério da Agricultura, cabendo destaque ao Estatístico Gilséa Sarmiento Malvar, a quem agradece a prestimosa colaboração.

Fevereiro, 1967

INTRODUÇÃO

O comércio internacional de produtos agrícolas tem-se caracterizado nos últimos anos por contínuos aumentos nas quantidades globais transacionadas, enquanto os preços vêm experimentando sucessivos decréscimos. Somente a partir de 1963, a deterioração dos preços dos produtos agrícolas no mercado internacional (índice de Reüter) tem-se verificado numa proporção de 5% ao ano.

Enquanto isto, os preços dos bens manufaturados apresentam razoáveis aumentos, colocando o setor agrícola em má posição.

Esta configuração pode, genericamente, ser expressa em termos de situação desfavorável dos países subdesenvolvidos (dependentes primordialmente do setor primário), em relação aos países desenvolvidos (responsáveis pela produção de bens manufaturados).

A exportação brasileira de produtos agrícolas enquadra-se perfeitamente nos moldes gerais acima descritos, com a agravante de exprimir situação bem pior. De fato, a apreciação dos dados agregados de quantidade e valor de 16 dos principais produtos agrícolas exportados pelo Brasil no pe-

(*) Diretor-Geral do Departamento Econômico, Vice-Presidente da SOBER.

ríodo 1953-1966, evidencia êste panorama, como se vê no Quadro I.

QUADRO I

Índice das quantidades e valores agregados da exportação de 16 produtos agrícolas selecionados (*) Brasil, 1953-1966 (1953 = 100)

ANOS	QUANTIDADE	VALOR
1953	100,0	100,0
1954	94,2	77,1
1955	107,8	87,8
1956	103,4	94,0
1957	107,8	80,4
1958	127,7	70,0
1959	133,2	69,8
1960	142,2	70,4
1961	166,6	77,0
1962	135,1	66,0
1963	181,6	81,1
1964	121,4	78,2
1965	192,4	78,1
1966	216,5	88,9

FONTE: CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Açúcar, Alodão, Amendoim, Arroz, Banana, Cacau, Cafê, Erva-mate, Fumo, Lã, Laranja, Óleo de Mamona, Milho, Pimenta do Reino, Sisal e Soja.

Menos por culpa dos países produtores de bens manufaturados, a posição de aparente desvantagem dos países que dependem do setor primário para os seus balanços de pagamentos, é função natural do aumento indiscriminado da oferta de vários produtos agrícolas.

Repetidamente registram-se ocorrências de preços excepcionais, em anos também excepcionais, para certo produto ou grupo de produtos. Não raro, observa-se conflitos ou calamidades que simplesmente isolam um ou mais países do mapa de determinadas exportações. Em consequência, os preços sobem temporariamente, porém, o suficiente para estimular indiscriminadamente a produção e subsequente exportação do produto em outros países. Ora, sanado o motivo principal do conflito ou calamidade, o ajustamento à situação anterior é tarefa das mais difíceis, principalmente entre os países subdesenvolvidos.

Dentre os principais produtos movimentados no comércio internacional, são vários os exemplos de superprodução

e bem poucos, se não raros, aquêles que indicam potencial para ampla expansão sem risco.

A rigor, não existe teoria, princípio ou fórmula que rigidamente seja capaz de orientar as diretrizes para um determinado produto ou para um determinado país, com relação ao mercado internacional. Também não pretendemos inovar sobre o assunto, mas tão somente anunciar o que poderíamos chamar de receita menos arriscada:

1 — Diversificar tanto quanto possível a pauta das exportações, de preferência incluindo produtos manufaturados ou semimanufaturados.

2 — Estimular as exportações daqueles produtos cuja participação no mercado internacional seja diminuta e não represente a deterioração dos preços por aumentos desusados da oferta.

3 — Estabelecer uma política de comércio exterior.

4 — Acompanhar os itens acima com medidas de caráter geral, como segue:

a — Adaptar a produção local ou parte delas aos requisitos do mercado internacional.

b — Manter regularidade de oferta.

c — Cuidar do aprimoramento da qualidade e da apresentação do produto exportável.

d — Acompanhar as “regras do jôgo” com relação aos métodos de venda vigentes.

e — Proceder continuamente a estudos de mercados, tanto com relação a produtos como a países.

De certa forma o Brasil tem praticado esta “receita”, pois a partir de 1960 observa-se nas exportações brasileiras um substancial incremento de bens manufaturados e semimanufaturados, cuja participação no total era de 1,9% em 1960, e passou a 8,9% em 1965 e 12,4% em 1966.

Para a falta de uma política definida de comércio exterior, foi dado um decisivo passo, com a criação do CONCEX, cujos objetivos principais são:

1) — Criar condições internas e externas a fim de dar maior capacidade competitiva aos produtos brasileiros no exterior.

2) — Estimular a diversificação da pauta de produtos exportados, principalmente através de estímulos apropriados à exportação de produtos industriais.

3) — Ampliar mercados externos através de incentivos à colocação de novos produtos em mercados tradicionais, e mediante a conquista de novos mercados.

QUADRO II

PARTICIPAÇÃO RELATIVA NO VALOR TOTAL DAS
EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE 16 PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS

% SOBRE O TOTAL														
PRODUTOS	1953	1954	1955	1956	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965	1966
Açúcar	1.40	0.70	3.20	0.10	3.20	4.50	3.30	4.50	4.60	3.20	5.00	2.30	3.40	4.60
Algodão em rama	6.60	14.20	9.20	5.70	3.10	2.70	2.70	3.50	7.80	9.20	8.10	7.50	5.90	6.36
Amendoim-grão	0.00	—	—	—	—	0.00	—	—	—	0.30	0.10	—	0.20	0.20
Arroz	0.30	—	0.01	0.60	0.00	0.40	0.08	6.00	0.90	0.30	—	0.50	1.40	1.60
Banana	0.50	0.70	0.70	0.80	0.90	0.80	0.30	0.30	0.20	0.20	0.20	0.40	0.30	0.40
Cacau-Amêndoas	4.80	8.60	6.30	4.50	5.00	7.20	4.60	5.40	3.20	1.90	2.40	2.40	1.70	2.90
Erva-mate	0.40	0.80	0.90	1.00	1.00	1.20	0.90	0.70	0.40	0.60	0.50	0.50	0.40	0.40
Fumo em fôlha	1.00	1.10	1.20	1.30	1.20	1.20	1.10	1.40	1.80	1.90	1.70	1.90	1.60	1.30
Lã em bruto	1.00	0.60	0.50	0.60	0.60	0.10	0.40	0.00	0.00	—	0.10	0.90	0.50	1.45
Laranja	0.10	0.30	0.40	0.20	0.20	0.30	0.50	0.40	0.40	0.30	0.40	0.20	0.40	0.20
Mamona-óleo	0.50	0.20	0.30	0.30	1.20	1.10	0.70	0.70	1.70	1.20	1.20	1.70	1.60	1.80
Milho	0.00	0.03	0.30	—	—	—	—	0.03	0.01	—	2.00	0.20	1.70	1.30
Pimenta do Reino	—	0.03	—	0.00	0.01	0.02	0.10	0.10	0.20	0.10	0.10	0.20	0.30	0.30
Sisal-fibra e bucha	0.20	0.50	0.70	1.00	0.90	0.90	1.40	1.70	1.70	2.00	2.50	2.60	1.50	1.20
Soja	0.20	0.10	0.40	0.20	0.10	0.20	0.30	—	0.40	0.60	0.20	—	0.40	0.70
Café	70.66	60.70	59.20	69.40	60.70	55.30	57.10	56.10	50.60	52.90	53.20	53.10	44.20	44.50
TOTAL	87.60	88.53	83.31	85.70	77.81	75.92	73.48	74.83	73.91	74.70	77.70	74.40	65.50	69.21

Além disto a lei que criou o CONCEX estabeleceu novas modalidades de isenções tarifárias visando a incentivar a exportação.

O nosso trabalho inclui análises sumárias de 16 dos principais produtos agrícolas exportados pelo Brasil no período 1953-1966. 1

Para cada um deles, cuja participação relativa no valor total das exportações brasileiras é mostrada no Quadro II, foi feita uma rápida apreciação da situação geral do mercado internacional, a participação brasileira durante o período, bem como as possibilidades para 1967.

Ainda para cada produto foram projetados os valores médios (US\$/t) para o período 1967-1971, além da medida do coeficiente de correlação entre a produção e o valor da exportação no Brasil.

Consideradas as apreciações e conclusões aqui concluídas, podemos antecipar as estimativas parciais da exportação brasileira em 1967, conforme o Quadro III.

QUADRO III

ESTIMATIVA DA QUANTIDADE E VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE 16 PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS, BRASIL, 1967

PRODUTO	Quantidade t	Valor FOB US\$/t .	Total US\$ 1.000
Açúcar	1.000.000	86,06	86.060
Algodão	150.000	414,07	62.100
Amendoim	25.000	250,00	6.250
Arroz	100.000	150,00	15.000
Banana	200.000	26,70	5.340
Cacau	110.000	450,00	49.500
Café	900.000	760,00	684.000
Erva-mate	30.000	145,30	4.359
Fumo	50.000	476,70	23.835
Lã	20.000	1.150,0	23.000
Laranja	52.500	50,00	2.625
Mamona	120.000	214,60	25.752
Milho	900.000	53,00	47.700
Pimenta do Reino	6.000	821,20	4.927
Sisal	139.000	150,00	20.850
Soja	200.000	110,00	22.000
Total Geral	4.002.500	—	1.083.298

1) São os seguintes os produtos: Açúcar, Algodão, Amendoim, Arroz, Banana, Cacau, Café, Erva-mate, Fumo, Lã, Laranja, Mamona (óleo), Milho, Pimenta do Reino, Sisal e Soja.

QUADRO IV

DADOS PROJETADOS NA PRODUÇÃO D 16 PRODUTOS
AGRICOLAS SELECIONADOS, BRASIL 1967/71

(1.000 t)

PRODUTO	1966	1967	1968	1969	1970	1971
Cana de açúcar	70.946	73.314	75.690	78.067	80.434	82.806
Algodão	2.173	2.280	2.387	2.494	2.601	2.709
Amendoim	808	893	982	1.077	1.197	1.281
Arroz	7.543	8.107	8.691	9.312	9.962	10.643
Banana	340.980	352.540	364.100	375.660	387.220	398.780
Café	3.304	3.666	4.053	4.463	4.898	5.353
Erva-mate	142	148	153	160	165	171
Fumo em folha	257	273	292	314	337	362
Lã	30	31	31	32	32	33
Laranja (*)	12.100	12.756	13.445	14.165	14.918	15.702
Milho	11.889	12.564	13.280	14.027	14.809	15.626
Pimenta do Reino	8	9	9	10	10	11
Sisal	253	279	294	315	337	360
Soja	527	599	677	761	850	945

(*) Em 1.000 frutos.

De acôrdo com os dados do quadro III observa-se que enquanto o total agregado das quantidades aumentou 0,5%, os valores totais se reduzem em cêrca de 10,5% representando índices de 217,6 e 79,5 para o ano de 1967 nos têrmos do Quadro I.

Para que melhor se visualize o potencial de exportação mostrado no Quadro III e as perspectivas futuras focalizadas na análise individual dos produtos, incluímos no quadro IV a projeção da produção para o período 1966/71.

açúcar

O mercado internacional do açúcar apresenta-se em séria crise. Após o registro de vários anos de mercado em ascensão, os preços atingiram um máximo de US\$ 163 por tonelada em 1963. Apesar de cair algo, ainda se manteve em cêrca de US\$ 130 em 1964.

Entretanto, as duas grandes safras de 1965 e 1966 provocaram enormes baixas nos preços, que chegaram a US\$ 41,8/t no mercado livre. Ocorre que cêrca de metade do açúcar movimentado no mercado internacional recebe o benefício de acôrdos preferenciais que, no caso do Brasil, elevaram o valor médio por tonelada do produto para US\$ 80,5 em 1966. Não obstante, o açúcar ainda foi gravoso, para o Brasil, em cêrca de Cr\$ 1.398 por sacco de 60 kg (US\$ = Cr\$ 2.200).

Para 1967 a situação não apresenta indícios de melhoria, pois pela terceira vez consecutiva a produção mundial será sensivelmente superior ao consumo, devendo indicar excedentes totais (cêrca de 25 milhões de toneladas) suficientes para o abastecimento mundial de quase seis meses.

A série dos valores médios não apresentou tendência definida, sendo êstes dados estimados em função da análise das séries de quantidades exportadas e valor total da exportação.

Estas duas séries indicaram figuras geométricas semelhantes, tanto que efetuada a regressão entre as duas encontrou-se um coeficiente de correlação fortemente positivo ($r = 0,930$). Determinou-se então a reta de regressão da quantidade exportada sôbre o valor da exportação. Ajustado êste e extrapolados os valores, as quantidades exportadas seriam estimadas pela reta de regressão. Conseguídos os valores das duas séries, os valores médios (US\$/t) extrapolados seriam obtidos pela divisão do valor da exporta-

QUADRO V

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MEDIO DAS EXPORTAÇÕES DO AÇÚCAR DEMERARA BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO (Dem. e Cristal t)	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	2.001.745	202.417	353.553	17.059	84,3	1.746,7	20,73
1954	2.118.383	160.133	371.131	12.229	76,3	2.317,6	30,35
1955	2.072.965	418.293	1.610.653	33.428	79,9	3.850,5	48,18
1956	2.268.152	14.536	60.690	1.264	87,0	4.175,2	48,01
1957	2.714.154	346.770	2.391.289	36.222	104,4	6.895,8	66,02
1958	3.003.615	639.995	3.835.642	47.541	74,3	5.993,2	80,68
1959	3.108.253	483.190	3.842.654	33.361	69,0	7.952,7	115,20
1960	3.318.719	699.984	9.262.933	52.527	75,0	13.233,0	176,30
1961	3.354.137	782.722	15.139.463	65.570	83,9	19.342,1	230,90
1962	3.238.061	439.606	15.114.340	39.111	89,0	34.381,6	386,50
1963	3.067.838	461.379	33.560.441	62.725	163,0	72.739,4	535,04
1964	3.565.311	252.073	36.260.087	32.950	130,7	143.847,5	1.100,46
1965		709.849	98.843.028	54.029	76,1	139.245,1	1.829,44
1966 (*)		998.552	176.840.400	80.382	80,5	177.096,8	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. - Serviço de Estatística Econômica e Financeira

(*) Dados sujeitos à retificação.

ção pela quantidade exportada. Entretanto, a função matemática que se ajustou à série de valor da exportação foi uma reta, que explicou muito pouco a variância da série 57,4%).

Por outro lado, pelo estudo da figura geométrica da série do valor da exportação, observou-se que a partir de 1959 o fenômeno se repetiu com intervalos de 4 e de 3 anos, isto é, as quedas e elevações apresentaram-se no mesmo espaço de tempo. Calculou-se as percentagens de acréscimos e decréscimos que foram aplicados no intervalo 1967-1971.²

As quantidades exportadas foram estimadas pela reta de regressão, e a divisão daqueles valores (valor total das exportações) por estes, nos dá os valores médios da exportação, como segue:

ANOS	US\$/t
1967	86,06
1968	86,37
1969	85,37
1970	86,29
1971	86,48

Utilizando-se uma taxa cambial de Cr\$ 2.700 por dólar e o valor médio por tonelada projetada para 1967, constata-se que o açúcar brasileiro não mais apresentará gravosidade.

Cogita-se atualmente a restauração do antigo Acôrdo Internacional do Açúcar, que ficou sem efeito em 1961. No final de 1966 foi assinado um protocolo revalidando o acôrdo até fins de 1968, sem contudo estabelecer quotas ou limites de preços.

Espera-se que durante o ano de 1967 o nôvo convênio se materialize, pois é prenúncio de tábua de salvação, para a difícil crise que atravessa a indústria açucareira.

ALGODÃO

O algodão brasileiro vem desde 1961 se constituindo no segundo principal produto agrícola de exportação. Neste período (1961-66), os embarques de algodão se mantiveram

2) No caso, presume-se que o fenômeno se repetirá da mesma maneira no intervalo de extrapolação, o que nem sempre acontece.

QUADRO VI

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DO ALGODÃO EM RAMA
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	374.913	139.515	2.238.387	101.756	729,4	16.044,1	22,00
1954	395.229	309.486	6.480.335	223.116	720,9	20.939,0	29,04
1955	428.474	175.706	5.134.226	131.365	747,6	29.220,6	39,08
1956	423.943	142.931	3.596.672	85.944	601,3	25.163,7	41,08
1957	383.279	66.180	1.848.887	44.206	668,0	27.937,2	41,82
1958	1.144.664	40.197	1.514.350	34.768	616,2	37.673,2	61,14
1959	1.399.494	77.584	5.165.655	35.541	458,1	66.581,4	145,30
1960	1.609.275	95.398	8.324.622	45.586	477,9	87.262,0	182,60
1961	1.828.475	205.676	28.791.571	109.682	533,3	139.985,1	262,50
1962	1.902.335	215.915	41.394.501	112.166	519,5	191.716,7	369,04
1963	1.956.895	221.804	65.008.790	114.241	515,1	293.091,2	569,05
1964	1.770.288	217.028	21.748.762	108.259	498,8	100.211,8	200,90
1965	1.986.313	195.690	172.706.441	95.651	488,6	882.551,0	1.865,60
1966 (*)		236.366	244.459.600	111.118	470,1	1.034.241,8	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação

em nível elevado (sempre superior a 200.000 toneladas, à exceção de 1965), porém os preços conseguidos mostram situação de declínio constante, desde US\$ 533/t em 1961 até US\$ 470,1/t em 1966, ou seja, uma redução de 11,8%.

Esta tendência de baixa é explicada por uma condição de oferta crescente do produto, em razão muito maior que o consumo mundial nos últimos quatro anos, de tal modo que os estoques mundiais se avolumaram em cerca de 30 milhões de fardos.

As perspectivas para 1967 indicam uma oferta inferior (pela primeira vez em cinco anos) ao consumo mundial, o que permitirá a absorção de parte dos estoques disponíveis.

A série de valores médios da exportação brasileira foi ajustada por uma reta ³ indicando as seguintes estimativas:

ANOS	US\$/t
1967	414,07
1968	392,67
1969	371,27
1970	349,87
1971	328,48

A produção brasileira em 1967 deverá ser inferior aos anos imediatamente anteriores (considerável redução da área cultivada em São Paulo), e, a menos que prevaleça uma acentuada retração no consumo interno, as quantidades exportadas não deverão ultrapassar 150.000 toneladas de algodão em pluma.

Assinala-se que a nova taxa cambial atenuará em parte a aflitiva situação do produto brasileiro.

A decomposição do preço FOB de US\$ 22,70 por libra, corresponde a cerca de Cr\$ 4.800/4.900 por arrôba de algodão em pluma no interior do Estado de São Paulo.

AMENDOIM

A presença do Brasil no mercado internacional do amendoim é incipiente. Desde o seu início, em 1961, apenas pequenos embarques têm-se registrado. Ocorre que o nosso

³⁾ A percentagem de variância explicada pela reta foi de 73,48%, que no caso específico (apreciação da figura geométrica) não é muito satisfatória.

QUADRO VII

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE AMENDOIM EM GRÃO
BRASIL, 1954/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1954	168.002	—	—	—	—	—	—
1955	185.856	—	—	—	—	—	—
1956	180.911	—	—	—	—	—	—
1957	185.327	—	—	—	—	—	—
1958	308.268	6	57	1	166,7	9.500,0	57,00
1959	357.403	654	9.484	95	—	—	—
1960	408.410	—	—	—	—	—	—
1961	584.432	4.625	243.179	924	—	—	—
1962	647.811	21.912	1.449.515	4.057	185,1	66.151,7	357,40
1963	603.840	14.870	1.231.331	2.492	167,6	82.804,6	494,10
1964	469.671	103	11.423	19	184,4	110.902,9	601,20
1965	742.686	18.437	7.461.713	4.100	222,4	404.714,1	1.820,00
1966 (*)		13.781	7.596.600	3.453	250,6	551.237,2	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.

CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

produto exportado é do tipo grão, catado à mão e que via de regra representa apenas de 5 a 10% das safras. No entanto, a boa qualidade do produto aufere preços altos, que em 1966 atingiram a média de US\$ 250,6 por tonelada métrica.

O amendoim brasileiro do tipo industrial também tem boas possibilidades de colocação no mercado internacional, porém tem sido sempre absorvido pela indústria nacional, que ainda assim tem capacidade ociosa. Já o óleo de amendoim produzido no Brasil não tem possibilidades de competição, devido ao alto custo de que está revestida a sua fabricação. Ao final do ano de 1966 dispunha-se de um excedente de cerca de 50 mil toneladas de óleo de amendoim, que não puderam ser exportadas devido a uma margem negativa de preços de aproximadamente Cr\$ 200.000 por tonelada.

Um dos principais fatores que tem limitado uma mais rápida expansão nas exportações de amendoim em grão é a incidência de aflatoxina, que ocorre sempre que o produto é colhido com excesso de umidade.

O principal exportador de amendoim é a Nigéria, cujo produto compete desfavoravelmente com o nosso (desde que esteja livre de aflatoxina).

De um modo geral os países importadores preferem a comercialização em grão ao invés de óleo, pela obtenção do subproduto (farelo ou torta), que é de grande valor como ração animal. Aliás, a exportação brasileira de farelo de amendoim tem sido maior (em valor) do que o produto principal.

Em 1963 os preços⁴ deverão continuar em nível alto para o produto para moagem como para o amendoim selecionado para consumo "in natura".

As possibilidades brasileiras de exportação de amendoim em 1967 são boas. A safra total do País (águas e seca) não deverá ser inferior a 800 mil toneladas e portanto, além de pequena parcela de amendoim selecionado, alguma quantidade do tipo industrial poderá ser destinada ao mercado internacional, mesmo porque, a indústria (que já conta com excedente) dificilmente poderá absorver o total disponível de grãos.

A relação de preços (mercados interno e internacional) favorece a exportação de grãos, principalmente depois de

4) Devido à falta de dados suficientes não foi possível a projeção dos valores para o amendoim.

estabelecida a nova taxa cambial. A decomposição dos valores FOB por tonelada de US\$ 215 e US\$ 185 corresponde a aproximadamente Cr\$ 12.500 e Cr\$ 10.800 por saco de 25 kg de produto pôsto em São Paulo.

ARROZ

O arroz é sem dúvida um dos produtos de maior consumo mundial, que está estimado atualmente em cêrca de 170 milhões de toneladas. Dêste total, sômente de 7 a 7,5 milhões de toneladas são movimentadas no comércio internacional. Como é fácil deduzir-se, trata-se de um produto típico de subsistência para a maioria dos países consumidores, entretanto, para os principais dêles, as taxas de crescimento populacional são maiores do que os aumentos de produção, o que tem provocado um aumento nas quantidades transacionadas no mercado internacional.

Atualmente a Itália, Burma, China Continental, Tailândia e Estados Unidos se constituem nos principais exportadores de arroz, e que via de regra subsidiam a exportação.

Entre os principais países importadores de arroz (cêrca de 150 ao todo, nos últimos anos) estão o Ceilão, Índia, Indonésia, Malásia, Paquistão, Hong Kong e Cuba.

As possibilidades do comércio internacional para 1967 são boas, pois a procura por parte dos países importadores continua intensa, prevendo-se uma movimentação de 7,5 milhões de toneladas.

Os preços deverão continuar em bom nível durante o ano de 1967, prosseguindo a alta que se iniciou em meados de 1965 e que atingiu a US\$ 175,70 por tonelada métrica (cotação FOB para o arroz da Tailândia, grãos longos com 15% de quebrados).

A participação brasileira no mercado internacional pode ser considerada esporádica, pois no período 1954-1966 só estêve presente 4 vêzes com quantidades superiores a 100 mil toneladas (1955, 1961, 1965, 1966) e apenas nos dois últimos anos embarcou mais de 200 mil toneladas.

A série de dados da exportação brasileira de arroz, tanto de valor médio como de valor total e de quantidades exportadas, não permitiu nenhum ajustamento, pois não apresenta tendência determinada. A correlação entre a produção e o valor da exportação é média positiva, indicando um índice $C = 0,55$.

QUADRO VIII
 PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE ARROZ
 BRASIL, 1954/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO t	EXPORTAÇÃO			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1954	3.366.838	—	—	—	—	—	—
1955	3.737.471	2.483	11.417	238	95,9	4.598,1	47,97
1956	3.488.777	101.444	533.005	9.724	95,9	5.254,0	54,81
1957	4.076.273	329	2.163	32	97,3	6.574,5	67,59
1957	3.829.295	51.552	742.743	5.625	109,1	14.407,7	132,00
1959	4.101.447	9.815	145.478	1.083	110,3	14.822,0	134,30
1960	4.794.810	434	5.212	28	64,5	12.009,2	186,15
1961	5.392.477	150.763	3.408.599	13.169	87,3	22.609,0	258,90
1962	5.556.834	43.678	1.412.675	4.748	108,7	32.342,9	297,53
1963	5.740.065	—	—	—	—	—	—
1964	6.344.931	12.424	1.171.292	860	69,2	94.276,6	1.361,96
1965	7.579.649	236.787	43.960.124	23.764	100,4	185.652,6	1.849,86
1966 (*)		227.544	63.043.200	28.656	126,0	277.059,3	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
 CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

Mercê de uma safra apenas normal para 1966/67, as possibilidades brasileiras no presente ano são pequenas. Estima-se que cêrca de sòmente 100.000 toneladas serão exportadas, e mesmo assim a partir de junho de 1967.

A decomposição dos preços de arroz no mercado internacional (US\$ 150/t FOB) corresponde a Cr\$ 19.000/20.000, por sacco de 60kg (usando-se uma taxa cambial de Cr\$ 2.700/US\$). Enquanto isto os preços no atacado em São Paulo estão em tórno de Cr \$30.000/sacco de 60 kg, devendo baixar sensivelmente após a nova safra.

Continuando nos anos futuros a crescente demanda ora observada no mercado internacional, é de esperar-se que o Brasil venha a participar ativamente na comercialização do arroz.

BANANA

As quantidades de bananas exportadas pelo Brasil não mostram uma tendência definida, se considerarmos o período 1953/66; a rigor, a partir de 1958, é praticamente estacionária, com volumes sempre superiores a 200.000 toneladas. O ajustamento da curva das quantidades, para efeito de projeção n ofuturo, foi feito por uma reta, que se apresentou paralela ao eixo dos x.

A série do valor médio por tonelada do produto não permitiu um ajustamento razoável, porém, os dados do valor total das exportações permitiram (sòmente a partir de 1959) um ajustamento por uma reta, de sentido ligeiramente ascendente.

Com êstes resultados foi possível estimar-se os valores médios de exportação para o período 1967/1971 como segue:

ANOS	US\$/t
1967	26,7
1968	28,2
1969	29,7
1970	31,3
1971	32,8

O coeficiente de correlação entre a produção e o valor da exportação ($\delta = - 0,775$) é fortemente negativo.

O principal problema que faz face à banana brasileira é possuir atualmente um mercado muito restrito, constitui-

do que é, basicamente da Argentina e do Uruguai. Alguns embarques têm-se verificado para a Inglaterra, cujo incremento, entretanto, é praticamente impossível devido às pesadas taxações impostas.

Também a Itália tem-se apresentado como um mercado bastante instável, pois até pouco tempo possuía um monopólio estatal que favorecia as colônias ou ex-colônias. Atualmente, mesmo sem aquêlê entrave, poucos embarques do produto brasileiro têm-se registrado para a Itália.

No nosso mercado tradicional, a Argentina tem experimentado repetidamente conseguir produção própria, já tendo alcançado algum resultado positivo em 1966, apesar das inundações que liquidaram boa parte das plantações.

Para 1967 as nossas possibilidades de exportação para a Argentina são ligeiramente inferiores aos anos anteriores, fato que poderá se intensificar a partir de 1968. Vale mencionar que as plantações argentinas de Misiones indicam produção de cachos de banana de até 30 quilos, enquanto o produto brasileiro de boa qualidade pesa somente de 15 a 18 quilos.

Uma característica marcante da exportação de banana brasileira é a sazonalidade. O mercado de exportação é sensivelmente mais favorável no período de outubro a janeiro, não raro dando prejuízo nos demais meses do ano.

Os demais países exportadores de banana se concentram quase que inteiramente nas Américas do Sul e Central, com o Equador em primeiro plano, seguido da Colômbia, Honduras, Costa Rica e Panamá.

Entre os países importadores, a Alemanha, França, Inglaterra e Itália na Europa, Japão na Ásia, Estados Unidos na América do Norte e Argentina na América do Sul, se constituem nos principais mercados. Dêstes países a Alemanha e a França representam um excelente potencial para colocação da banana brasileira, pois preferem a variedade "Nanicão" que tem excelente possibilidade de ser produzida entre nós.

Entretanto, para ampliação do nosso mercado de exportação, faz-se mister uma regularidade de entrega do produto, da sujeição de venda em consignação sob o regime de leilão, além, está claro, de apresentar o produto em boas condições.

QUADRO IX
 PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE BANANA
 BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	3.701.240	178.711	244.782	9.219	51,6	1.369,7	26,60
1954	3.964.000	239.224	319.825	11.288	47,2	1.336,9	28,30
1955	4.085.500	210.722	363.912	10.251	48,6	1.727,0	35,50
1956	4.480.700	188.062	584.482	12.395	65,9	3.107,9	47,13
1957	4.688.440	218.489	760.115	13.322	60,9	3.479,0	57,06
1958	4.495.060	271.444	911.968	10.900	40,2	3.359,7	83,67
1959	4.885.220	213.079	660.258	4.369	20,5	3.098,7	151,10
1960	5.126.780	241.944	858.979	4.561	18,9	3.550,3	188,30
1961	5.428.920	245.946	1.007.469	3.799	15,4	4.096,3	265,20
1962	6.013.200	216.543	1.174.836	3.228	14,9	5.425,4	363,95
1963	6.162.020	205.900	1.594.892	2.924	14,2	7.746,0	545,45
1964	(1) 338.206	225.540	7.268.496	5.818	25,8	32.227,0	1.259,31
1965	(1) 348.522	215.746	11.534.766	6.274	29,1	53.464,5	1.838,50
1966 (*)		204.833	13.893.000	6.315	31,0	67.826,0	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.

(*) Dados sujeitos a retificação.

(1) Em 1.000 cachos.

CACAU

O comércio internacional de cacau tem-se processado normalmente sob quatro formas distintas:

- 1) Cacau em amêndoas
- 2) Manteiga de cacau
- 3) Torta de cacau
- 4) Pó de cacau

O cacau em amêndoas, assim como a torta de cacau, é geralmente comercializado entre os países produtores (sub-desenvolvidos) e consumidores (desenvolvidos), enquanto que a manteiga e o pó de cacau são quase sempre movimentados entre países industrializados.

Das quatro formas de comercialização do produto, o Brasil tem tido participação nas três primeiras, com predominância da forma de amêndoas e manteiga.

O mercado internacional, depois de um período mais ou menos equilibrado entre oferta e procura, durante quase toda a década de 1950, quando os preços estiveram geralmente em níveis altos apesar de algumas bruscas oscilações), iniciou a década de 1960 com uma oferta sempre crescente, que foi acompanhada, porém em menor escala, pela demanda.

O resultado foi uma queda de preços, que atingiu em 1965 a US\$ 301 por tonelada (produto em amêndoas-FOB-Brasil).

Neste último período, a produção brasileira de cacau continuou mais ou menos estacionária, com a influência do Brasil no mercado sendo substituído pelos produtores da África Ocidental. Ainda neste último período, o País concentrou as exportações de cacau em amêndoas para os Estados Unidos, União Soviética e países da área da ALALC. Participação do Brasil, no comércio internacional do cacau (sob tôdas as formas) tem oscilado nos últimos anos, entre 5,3 e 7,1%.

As condições de mercado em 1966 foram de relativa firmeza, com os preços reagindo consideravelmente em relação ao ano anterior. Esta tendência deve prevalecer também para 1967, pois, se de um lado se espera boas colheitas da safra 66/67 em Gana, Nigéria e Costa do Marfim, em 1966 registrou-se uma liquidação de estoques em vários países. Acredita-se que o Brasil possa exportar em 1967 quantidades equivalentes às de 1966 (o que não ocorria desde 1960), ou seja, cerca de 110.000 toneladas sob a forma de amên-

QUADRO X

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE CACAU (EM AMÊNDOAS)
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	136.970	108.690	1.532.463	75.223	692,1	14.009,4	20,37
1954	162.947	120.970	4.139.372	135.606	1.121,0	34.218,9	30,52
1955	157.921	121.923	3.694.965	90.907	745,6	30.305,7	40,65
1956	161.093	125.835	2.864.900	67.207	534,1	22.767,9	42,63
1957	164.556	109.677	2.991.090	69.693	635,4	27.271,8	42,92
1958	164.186	104.018	3.849.531	89.591	861,3	37.008,3	42,97
1959	177.834	79.577	4.296.283	59.447	747,0	53.989,0	72,20
1960	168.223	125.456	5.799.244	69.181	551,4	46.225,3	83,80
1961	155.901	104.170	8.425.347	45.923	440,8	80.880,7	183,50
1962	140.363	55.340	8.393.937	24.227	437,8	151.679,4	345,47
1963	143.495	68.684	19.621.599	35.030	519,0	285.679,3	560,14
1964	153.685	74.710	40.386.530	34.816	466,0	540.377,3	1.159,99
1965	160.823	91.966	51.289.593	27.689	301,1	557.701,6	1.852,35
1966 (*)		112.817	111.520.200	50.691	449,3	988.505,3	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.

CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

doas e aproximadamente 20.000 toneladas de manteiga de cacau.

Ao que tudo indica, os futuros incrementos de cacau no mercado internacional tendem a ser absorvidos pelos três países africanos (Gana, Nigéria e Costa do Marfim), que juntos com o Brasil são atualmente os principais produtores e exportadores.

Dentre os países importadores, os Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido e França são os principais, que em geral reexportam pó de cacau.

As negociações verificadas em 1966, sob os auspícios da FAO, com vistas ao estabelecimento de um mecanismo que controlaria um estoque regulador, limites de preços, ordenação de consumo etc., não foram de aceitação geral entre os países participantes.

A projeção dos valores médios (US\$/t) para o período 1967/71, contrariou a realidade mais imediata (situação em 1967), pois indicou o seguinte:

ANOS	US\$/t
1967	361
1968	330,7
1969	300,5
1970	270,2
1971	240,0

CAFÉ

A situação do café no contexto internacional pode ser sumarizada da seguinte maneira::

1) Ao longo dos últimos dez anos a produção mundial tem excedido às necessidades de consumo, de tal forma, que os estoques existentes em 1966 representavam mais de um ano de toda a movimentação do mercado internacional (cerca de 3 milhões de toneladas).

2) A situação acima provocou uma continuada queda nos preços (de US\$ 1.447,3 por tonelada em 1954 para US\$ 639,1 em 1963 — café brasileiro), que só não foi maior devido a uma política de manutenção de preços posta em prática pelos países produtores.

3) A política de manutenção de preços tem custado ao Brasil a perda progressiva do mercado internacional (quase 1% ao ano nos últimos 15 anos), além de ser o maior acumulador de estoques excedentes.

4) Do lado dos países importadores observa-se um consumo altamente inelástico (principalmente nos Estados Unidos, que é o maior consumidor), enquanto o consumo “per capita” na Europa é praticamente a metade dos Estados Unidos. Há ainda a considerar a possibilidade de novos mercados como a Rússia e o Japão, que indicam boas perspectivas para o futuro.

5) Em 1958 foi experimentado um primeiro acôrdo entre os países produtores de café. Em 1962 foi negociado o Convênio Internacional do Café, porém só em 1964 foi realizado um acôrdo a longo prazo que incluía quase todos os países produtores e importadores. Desde então os têrmos do acôrdo vêm sendo melhorados, culminando em 1966 com o estabelecimento de um sistema seletivo de ajustes de quotas, ou seja, as modificações nas quotas de um determinado tipo de café se fazem em função do seu preço no mercado (anteriormente se faziam em bases percentuais idênticas para todos os países exportadores).

Também de importância foi a aprovação de uma resolução pela qual os países produtores devem destinar parte das rendas com a venda de café (acima das quotas normais) para programas de diversificação de culturas. Isto pode ser considerado como um passo efetivo para o ajustamento da produção ao consumo.

Finalmente se cuidou de um maior contrôle para os embarques “clandestinos” (ainda praticados em larga escala pelos países africanos em 1966).

O café tem representado para o Brasil, desde longa data, o esteio da sua balança de pagamentos. Os percentuais da participação do produto na nossa receita cambial foram sempre superiores a 60% até 1954, baixando para 55% e 50% em 1958 e 1961.

Em 1966, o café rendeu US\$ 777.370 mil ou seja, 44,5% do total.

Verifica-se que somente na década atual, com a diversificação da exportação, é que os “outros produtos” indicaram evolução positiva.

Há quem acredite que nos têrmos do Acôrdo Internacional do Café, o Brasil possa incrementar as suas exportações numa proporção de 2% ao ano, nos próximos dez anos (IBC e Banco Mundial).

Porém, se considerarmos que o preenchimento da quota em 1966 (17,3 milhões de sacas) só foi conseguido graças à transferência de estoques para fora do País, ficamos em dúvida quanto à acertiva. Há que levar-se em conta, como

QUADRO XI

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MEDIO DAS EXPORTAÇÕES DE CAFÉ
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	1.110.606	933.732	21.696.338	1.088.270	1.165,5	23.236,1	19,94
1954	1.036.987	655.051	24.813.436	948.077	1.447,3	37.880,1	26,17
1955	1.369.759	821.747	30.366.732	843.937	1.027,0	36.953,9	36,00
1956	979.278	1.008.288	37.710.370	1.029.782	1.021,3	37.400,4	36,62
1957	1.403.304	859.152	30.991.116	845.513	984,1	36.071,7	36,65
1958	1.695.815	772.950	25.339.998	687.515	889,5	32.783,5	36,86
1959	4.396.844	1.046.148	30.127.842	733.040	700,7	28.798,8	41,10
1960	4.169.586	1.009.141	59.377.092	712.714	706,3	58.839,2	83,30
1961	4.457.409	1.018.233	78.778.081	710.386	697,7	77.367,4	110,90
1962	4.380.607	982.565	101.457.016	642.671	654,1	103.257,3	157,86
1963	3.301.054	1.170.784	86.833.639	748.284	639,1	74.167,1	116,04
1964	2.084.027	896.774	405.240.540	759.703	847,2	34.037,6	40,18
1965	3.663.587	808.931	600.558.199	706.587	837,5	742.409,0	849,94
1966 (*)		1.022.254	1.710.214.000	777.370	760,4	1.672.834,4	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

fato positivo, a implantação pelo Brasil de um sistema de vendas com garantia de preços pelo prazo de 90 dias.

Outro fato auspicioso foi o registro estatístico da exportação de cerca de 150.000 sacas de café solúvel, em 1966.

A produção mundial exportável em 1967 está prevista em aproximadamente 3 milhões de toneladas, de maneira que se o Brasil completar a sua quota fixada pelo Acôrdo Internacional do Café, deverá absorver pequena parte dos seus excedentes.

Os preços deverão em 1967 continuar nos níveis registrados em 1966 (apesar da última safra ter sido pequena), pois os estoques continuam grandes, e além do mais o Acôrdo, nos seus dispositivos, assegura a pronta oferta de maior quantidade de café, caso os preços ultrapassem os níveis estabelecidos.

A série dos valores médios (US\$/t) conseguidos pelo Brasil entre 1953/1966 foi apresentada por uma parábola do 2.^o grau e indica os seguintes valores para 1967/1971:

ANOS	US\$/t
1967	878,9
1968	958,1
1969	1.052,3
1970	1.161,5
1971	1.285,6

A aparente superestimação destes valores deve-se ao fato de que somente 77% da variância da série é explicada.

A correlação entre a produção e o valor da exportação mostra um coeficiente fortemente negativo ($\delta = -0,720$).

ERVA-MATE

O Brasil é de longe o principal produtor e exportador de erva-mate, retendo mais de 70% de todo o comércio internacional. Entretanto, este comércio é muito limitado, bastando que se diga que o mercado brasileiro de exportação está quase que inteiramente restrito ao Uruguai e ao Chile para o produto beneficiado, e Argentina e Uruguai para o mate cancheado.

Destes mercados a Argentina conta com produção própria, não necessitando do mate brasileiro, a não ser para

mistura, tendo culminado em março de 1966 com proibição da importação de mate brasileiro. O Uruguai é um mercado praticamente saturado, embora no último ano tenha aumentado o volume de importações em relação a 1965. Finalmente o Chile (onde o consumo de mate é muito localizado) se apresenta em franco declínio.

O mercado europeu é quase nulo, da mesma forma que os Estados Unidos.

Como se observa, a situação da erva-mate brasileira é das mais sombrias, com queda generalizada tanto na produção como nas quantidades exportadas e no total de divisas geridas.

Para 1967 as possibilidades de exportação são menores de as registradas em 1966, que já representaram os valores mais baixos desde 1953.

A menos que a intensa atividade desenvolvida pela atual administração do Instituto Nacional do Mate surta efeitos práticos (desenvolvimento de novos mercados), a perspectiva para o mate é de continuada decadência, mesmo porque o mercado interno não se afigura como dos mais promissores.

A série de valor médio (US\$/t) conseguido pelo Brasil no período 1953/66 não apresenta tendência determinada, porém a sua figura geométrica e a do valor total das exportações indicam correlação que foi calculada com um coeficiente $\delta = 0,87$ (fortemente positiva). Estabeleceu-se então a reta de regressão do valor médio sobre o valor da exportação. Ajustada esta última e extrapolados os seus calôres estimou-se os valores médios da reta de regressão. O ajustamento da série do valor da exportação foi feito por uma reta δ , extrapolou-se os seus valores e a seguir estimou-se os valores médios, através da reta de regressão.

Observa-se que os valores médios estimados estão provavelmente subestimados, pois 20,88% da série não foi explicada, e, como a reta é decrescente, o decréscimo considera apenas a variável matemática. Na realidade, as variações aleatórias deverão atenuar êste rápido decréscimo.

5) A parábola do 2º grau também ajustaria a série explicando as variáveis com um percentual mais alto que a reta (34,54% em relação a 79,12% da reta). porém, o decréscimo da parábola é muito mais rápido que a reta, o que levaria a valores negativos, o que é impossível.

QUADRO XII
 PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE ERVA MATE
 BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	56.641	34.831	173.433	7.247	208,1	4.979,3	23,93
1954	66.382	49.851	379.503	12.832	257,4	7.612,7	29,57
1955	67.149	52.404	643.597	13.567	258,9	12.281,4	47,44
1956	71.193	58.042	769.966	15.103	260,2	13.265,7	50,98
1957	81.121	55.044	800.704	14.144	257,0	14.546,6	56,61
1958	95.482	56.602	1.030.139	15.096	266,7	18.199,7	68,24
1959	103.179	55.296	1.256.504	12.650	225,4	22.723,2	99,30
1960	110.676	56.129	1.610.116	8.983	160,0	28.686,0	179,20
1961	131.648	60.946	2.418.563	9.484	155,6	39.683,7	255,00
1962	136.026	47.558	2.759.420	7.476	157,2	58.022,2	369,10
1963	125.051	48.427	4.208.192	7.664	158,3	86.897,6	549,09
1964	127.770	48.414	9.158.895	7.776	160,6	189.178,6	1.177,84
1965	123.325	41.763	14.879.723	8.019	164,8	356.289,6	1.855,53
1966 (*)		35.423	15.285.600	6.948	196,1	431.516,2	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
 CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

Os valores médios estimados são os seguintes:

ANOS	US\$/t
1967	134,9
1968	124,6
1969	114,2
1970	103,9
1971	93,5

A correlação entre a produção e o valor da exportação indicou um coeficiente $C = - 0,59$ (média negativa).

FUMO

As exportações de fumo em fôlha pelo Brasil mostram um nítido sentido ascendente a partir de 1953 (22.835 t), culminando com um recorde de 1964 (59.793 t) quando os preços atingiram a cifra mais baixa da série, com US\$ 473,1 por tonelada. Nos dois últimos anos registraram-se reduções nos volumes embarcados e uma ligeira recuperação nos preços (média de US\$ 498,9/t em 1966).

A série dos valores médios (US\$/t) não foi possível ser ajustada a nenhuma função matemática, porém estes dados foram conseguidos pelas divisões dos dados extrapolados dos valores das exportações e das quantidades exportadas. ⁶ As estimativas dos valores médios da exportação são as seguintes:

ANOS	US\$/t
1967	476,7
1968	469,4
1969	450,5
1970	456,4
1971	450,7

O coeficiente de correlação entre a produção e o valor da exportação é fortemente positivo ($\delta = 0,790$).

⁶ Ambas as séries foram ajustadas por retas, sendo que no caso da série do valor da exportação, a reta, apesar de ser a melhor ajustante, explica pouco, somente com 50%, a variação da série.

QUADRO XIII

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE FUMO (EM FOLHA
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	132.135	22.835	407.268	17.825	693,0	17.835,3	25,74
1954	146.738	27.409	557.557	17.937	654,4	20.342,1	31,08
1955	148.205	27.425	725.857	18.034	657,6	26.467,0	40,25
1956	143.529	30.392	1.042.622	19.910	655,1	34.305,8	52,37
1957	140.027	28.259	959.636	17.023	602,4	33.958,6	56,37
1958	143.922	30.025	1.143.809	15.216	506,8	38.095,2	75,17
1959	151.479	28.049	1.523.122	15.289	545,1	54.302,2	99,60
1960	161.426	31.267	3.358.429	18.579	594,2	107.411,3	180,80
1961	167.028	48.211	6.649.021	26.631	552,4	137.915,0	249,67
1962	187.040	41.066	8.764.238	23.602	574,7	213.418,4	371,33
1963	206.806	43.913	13.186.003	24.118	549,2	300.275,6	546,73
1964	210.427	59.793	28.804.373	28.291	473,1	481.734,9	1.018,14
1965	248.182	55.035	45.679.466	26.226	476,5	830.007,5	1.741,76
1966 (*)		45.095	49.491.206	22.496	498,9	1.097.487,5	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

Do total de fumo em fôlha transacionado em todo o mundo, o Brasil tem participado com 5 a 6% nos últimos anos, figurando como o 7.º mais importante país exportador, em seguida aos Estados Unidos (também importador), Rodésia, Turquia, Bulgária, Grécia e Índia.

As nossas possibilidades de exportação em 1967 (com relação à quantidade) são relativamente boas, com o potencial de produção permitindo ampliação dos quantitativos exportados.

Os principais mercados para o produto brasileiro têm sido a Espanha (27%), Alemanha (8%), Holanda (15%), França (14%), URSS (4%) e Estados Unidos (6%). Registre-se que o Brasil não participa das importações da Inglaterra, de longe o mais importante país importador.

LÃ

O mercado internacional de lã tem se revelado dos mais estáveis entre os produtos agropecuários. Dentre as cotações conseguidas pelo produto brasileiro, no período de 1953 a 1966, verificam-se violentas oscilações, como por exemplo, de US\$ 2.242,9/t em 1957 para US\$ 352,9/t em 1960 e novamente para US\$ 1.299,9/t em 1964. Ora, é fácil imaginar que um país como o nosso não tenha condições de suportar situações como esta, tendo que ficar alijado do mercado, como aliás ocorreu entre 1960 e 1962.

Nos últimos três anos verificou-se uma razoável estabilidade de preços, graças a uma oferta mundial também estável, situação que provavelmente se repetirá em 1967. De fato, a produção de lã nos principais países produtores do Hemisfério Sul para 1966/67 indica quantitativos semelhantes à safra passada, com os aumentos esperados na Nova Zelândia, Uruguai e Argentina sendo compensados pelas reduções da Austrália e da África do Sul.

A produção brasileira, segundo as estatísticas oficiais é praticamente estacionária, ao longo do período 1953/65, enquanto que as exportações não têm tendência definida.

Em 1966, foram exportadas 21.708 toneladas de lã em bruto com um valor médio de US\$ 1.167,5 por tonelada.

Para 1967 as possibilidades brasileiras são idênticas ao ano anterior, tanto em quantidade como em preço.

As séries de valor médio, quantidade exportada e valor da exportação não apresentam tendência determinada enquanto que a correlação entre a produção e o valor da exportação foi fraca e negativa ($\delta = -0,03$).

QUADRO XIV
 PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE LÃ (EM BRUTO)
 BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO t	EXPORTAÇÃO			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	24.199	9.977	490.234	16.403	1.644,1	49.136,4	29,89
1954	25.360	4.387	270.424	9.427	2.148,8	61.642,1	28,69
1955	27.520	5.122	348.469	7.398	1.444,4	68.033,8	47,10
1956	28.102	5.624	472.763	9.645	1.715,0	84.061,7	49,02
1957	28.289	4.249	502.886	9.530	2.242,9	118.354,0	52,77
1958	31.627	1.391	147.223	2.192	1.575,8	105.840,4	67,16
1959	30.351	5.794	803.397	5.380	928,5	138.660,1	149,33
1960	22.686	68	4.494	24	352,9	66.088,2	187,25
1961	24.570	15	1.905	6	400,0	127.000,0	317,50
1962	25.247	—	—	—	—	—	—
1963	26.515	2.883	1.480.563	2.470	856,7	513.549,4	599,41
1964	28.135	10.861	16.814.322	14.118	1.299,9	1.548.137,6	1.190,98
1965	29.092	9.181	17.807.959	9.512	1.036,2	1.939.653,5	1.872,16
1966 (*)		21.708	55.756.800	25.344	1.167,5	2.568.491,0	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
 CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

LARANJA

A exportação de laranja tem registrado continuados aumentos a partir de 1953 (24.990 t), atingindo a 143.623 toneladas em 1963, caindo para 96.963 toneladas em 1964, para chegar no ano seguinte à cifra recorde de 159.046 toneladas. Em 1966, devido principalmente a um atraso de cerca de dois meses nas colheitas do Estado de São Paulo (combinado com um adiantamento também de dois meses nas colheitas da África do Sul), as quantidades exportadas não ultrapassaram as 79.610 toneladas, indicando uma redução de mais de 50% em relação ao ano anterior.

Paralelamente, os preços, em US\$/t, tiveram queda constante a partir de 1954 (US\$ 156,6/t), chegando ao mínimo de US\$ 39 em 1964, e indicando uma reação nos dois últimos anos (médias anuais de US\$ 46,6 e US\$ 47 em 1965 e 1966, respectivamente).

A série dos valores médios (1954/66) foi ajustada por uma parábola do 2.^o grau (de acôrdo com a análise da variância da regressão) que mostrou um ramo decrescente até 1963/64, começando a subir daí em diante.⁷

Os valores médios projetados para o período 1967/71 são os seguintes:

ANOS	US\$/t
1967	62,31
1968	74,60
1969	89,55
1970	107,16
1971	127,43

O conhecimento da situação da oferta de laranja no mercado internacional, entretanto, contraria os dados acima projetados, pelo menos para o ano de 1967. De fato, os dois principais centros produtores mundiais de laranja (Estados Unidos e países do Mediterrâneo) indicam perspectivas de excelentes safras para 1966/67. Também a África do Sul registra uma provável safra recorde de laranjas em 1967. Por isto, é de esperar-se uma redução, ainda que ligeira, nos preços da laranja no mercado internacional.

7) Os ajustamentos que comportam regiões de máximo ou de mínimo, em geral, não explicam bem a natureza do fenômeno. Neste caso, entretanto, a tendência parabólica teve a variância explicada com uma percentagem de 95,1%. isto porque o mínimo da série se achava dentro do intervalo de observação.

QUADRO XV

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE LARANJA
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO t	EXPORTAÇÃO			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	1.271.830	24.990	77.584	2.866	114,7	3.104,6	27,07
1954	1.314.390	31.528	156.419	4.933	156,5	4.961,2	31,71
1955	1.388.575	45.980	275.170	5.740	124,8	5.984,6	47,94
1956	1.376.655	42.868	184.329	3.581	83,5	4.299,9	51,47
1957	1.491.510	45.844	222.597	3.764	82,1	4.855,5	59,14
1958	1.538.281	72.948	436.997	4.747	65,1	5.999,5	92,06
1959	1.645.648	111.430	941.244	6.812	61,1	8.447,0	138,17
1960	1.721.146	112.408	1.115.544	6.089	54,2	9.924,0	183,32
1961	1.818.377	112.667	1.550.731	6.007	53,3	1.376,4	258,20
1962	1.905.341	104.427	1.670.852	4.686	44,9	16.000,0	356,56
1963	2.194.241	143.623	3.397.614	6.169	43,0	23.656,5	550,75
1964	2.115.376	96.963	4.645.072	3.814	39,0	47.905,6	1.217,90
1965 (*)	11.427.622	159.046	13.353.378	7.398	46,6	83.959,2	1.805,00
1966 (1)		79.610	8.228.009	3.740	47,0	103.353,9	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. -- Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

(1) Em milhares de frutos.

As possibilidades brasileiras no presente ano, apesar do nôvo alento do recente reajuste cambial, não são boas.

Os embarques deverão ser menores do que em 1966, não devendo atingir a 1,5 milhões de caixas (cêrca de 52.500 toneladas).

O nosso produto encontra sérios obstáculos para qualquer recuperação de grande vulto no mercado internacional, dentre os quais pode-se enumerar:

1) Elevação constante dos custos de embalagem, fretes, embarques etc.

2) A África do Sul (nosso principal competidor, pela época de colocação do produto no mercado internacional) está com vigoroso programa de fomento à exportação de laranjas, emprestando subsídio para tornar o transporte o mais barato possível, além de reduzir ao mínimo a taxaçoão interna sôbre o produto.

3) A situação das vendas nos países importadores, que são feitas em consignação, sob a forma de leilão, não estimula os exportadores brasileiros a arriscarem prejuízos que chegaram a Cr\$ 1.000 por caixa em certos períodos de 1966. (Este fator será sensivelmente atenuado com a recente modificação da taxa cambial).

Além da África do Sul, que tem safra simultânea com a nossa, são grandes exportadores de laranjas a Espanha, Marrocos, Israel, Argélia, Estados Unidos e Itália.

Observe-se que a perda do nosso mercado (principalmente Alemanha, Holanda, Luxemburgo, Inglaterra e França) é quase que inteiramente em favor da África do Sul, que em 1967 espera embarcar cêrca de 10 milhões de caixas (aproximadamente 350.000 toneladas).

A prazo mais longo, as possibilidades brasileiras deverão tender para o suco de laranja concentrado e congelado, que tem experimentado boa aceitação, embora incipiente, no mercado internacional. Neste particular, pode-se antecipar forte competição, tanto em qualidade como em preço, por parte dos Estados Unidos, que já retém grande parte do mercado da Europa Ocidental.

MILHO

O milho tem representado para o Brasil um produto tipicamente de subsistência, com as estatísticas de comércio exterior, registrando exportações pequenas e esporádicas. A rigor, entre 1954 e 1966 sômente em 1963, 1965 e 1966, verificaram-se embarques de maior vulto (700.155, 559.675

e 621.384 respectivamente), que, mesmo assim representavam pouco mais de 5% dos totais das respectivas safras. Observa-se, entretanto, que de acôrdo com a projeção dos dados de produção, esta deverá ter superado a 15 milhões de toneladas em 1971 e nestas condições, apesar da elasticidade de consumo de milho no mercado interno, deverão sobrar quantidades sempre crescentes para a exportação.

Neste particular, vale lembrar como fato auspicioso que boa parte da transferência das lavouras de algodão e café (principalmente em São Paulo) tem sido para o milho, com êsteproduto se beneficiando com a melhoria das técnicas de produção (melhor trato, semente selecionada, uso de fertilizantes etc.).

O mercado internacional do milho está bastante firme. Aliás os preços internacionais sofreram queda constante desde o término da 2.^a Guerra Mundial até 1958, mantendo-se desde então em tórno de US\$ 50 por tonelada. Para 1967 existe a possibilidade de ligeira melhoria dos preços, que, entretanto, não se distanciarão da média de US\$ 50/52 por tonelada.

A Europa Ocidental deverá continuar nos mesmos níveis de produção de 1966 e a Oriental não deverá importar, o que será amplamente compensado pelas importações do Japão.

Os principais países exportadores têm sido os Estados Unidos, Argentina, África do Sul, Tailândia e França. Os Estados Unidos dominam o mercado internacional retendo mais de 50% do volume total comercializado (a produção americana representa cêrca de 48% do total mundial) além de manter estoques superiores a 30 milhões de toneladas.

Para 1967 o Brasil indica um potencial exportável superior a um milhão de toneladas (seria a primeira vez que se exportaria tal quantidade de milho) porém existem vários fatores que limitam estas possibilidades, como sejam, a capacidade de escoamento, altos custos de embarque em relação ao preço do produto, além do fator qualidade.

A decomposição do preço FOB, no nível de US\$ 50/t (taxa cambial de Cr\$ 2.700 por US\$) corresponde a aproximadamente Cr\$ 6.200 por sacco de 60 quilos no atacado, produto pôsto em São Paulo. Os preços atuais do milho no mercado atacadista estão em níveis elevados (Cr\$ 11.500/11.700 por sacco de 60 quilos em 3-2-67) porém acredita-se que baixem a níveis de Cr\$ 6.000, após a colheita das safras nos principais Estados produtores.

QUADRO XVI
 PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MEDIO DAS EXPORTAÇÕES DE MILHO
 BRASIL, 1954/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO t	EXPORTAÇÃO			VALORES MEDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1954	6.788.794	11.652	20.769	594	51,0	1.782,4	35,00
1955	6.689.930	80.094	221.964	4.566	57,0	2.771,3	48,61
1956	7.310.365	—	—	—	—	—	—
1957	7.763.439	—	—	—	—	—	—
1958	7.370.089	—	—	—	—	—	—
1959	7.786.739	—	—	—	—	—	—
1960	8.671.952	9.927	74.291	408	41,1	7.483,7	182,10
1961	9.036.237	4.448	36.124	180	40,5	8.121,4	200,70
1962	9.587.285	6	120	0	0	20.000,0	0
1963	10.418.267	700.155	17.361.191	29.504	42,1	24.796,2	588,44
1964	9.408.043	62.315	1.756.800	2.928	47,0	28.192,2	600,00
1965	12.111.921	559.675	51.018.730	27.915	50,0	91.157,7	1.827,65
1966 (*)		621.384	70.362.600	31.983	51,5	113.235,2	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. -- Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
 CACEX — Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

ÓLEO DE MAMONA

O Brasil é o primeiro produtor de mamona e o mais importante exportador de óleo, retendo nos últimos anos mais de 65% do total transacionado no mercado internacional.

O nosso principal competidor é a Índia (cêrca de 20 a 30% das quantidades de óleo exportadas), sendo que a África Ocidental Francesa, Angola, Moçambique, Kênia, Tanganica, Madagascar e Congo Belga exportam mamona em bagas (o Brasil praticou a exportação em bagas até 1959), e que o Reino Unido, Bélgica e Holanda reexportam óleo de mamona, tanto pela revenda de óleo importado como pela aquisição de baga para extração.

Observa-se que a posição tanto do Brasil como da Índia estará sempre ameaçada por outros países, haja visto tratar-se de cultura de rentabilidade relativamente alta. Neste particular, os Estados Unidos (principal importador) tem por várias vezes experimentado produzir mamona, sem contudo conseguir bons resultados.

Os preços da mamona, depois de um período de grandes oscilações, devido à irregularidade da oferta, década de 50, tiveram constante declínio a partir de 1961 (US\$ 257,6 por tonelada em 1961 e US\$ 190,9 em 1965), somente reagindo em 1966 (safra reduzida) para US\$ 234,3.

Não foi possível o ajustamento da série de valores médios conseguidos pelo Brasil, porém êstes dados foram estimados (1967/71) em função das séries ajustadas das quantidades exportadas e de valor total das exportações.⁸ Os resultados estimados são os seguintes:

ANOS	US\$/t
1967	214,6
1968	213,3
1969	212,2
1970	211,0
1971	210,0

A produção mundial de óleo de mamona em 1967 deverá ser superior à verificada em 1966, sendo que no Brasil,

8) Para ambas as séries usou-se uma reta como ajustante, que para a quantidades explicou 78,55% da sua variância e somente 70,41% para os valores totais da exportação.

QUADRO XVII

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE ÓLEO DE MAMONA
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	EXPORTAÇÃO			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	41.258	26.749	231.056	9.223	344,8	8.637,9	25,05
1954	42.114	15.676	111.256	3.611	230,4	7.098,2	30,81
1955	41.914	24.816	241.153	4.997	201,4	9.717,6	48,26
1956	39.621	20.092	303.322	5.055	251,6	15.096,7	60,00
1957	64.000	48.114	1.146.535	17.464	363,0	24.830,0	56,54
1958	81.186	55.318	1.144.300	14.302	258,5	20.686,0	80,00
1959	76.297	47.719	949.360	9.523	199,6	19.894,8	99,70
1960	54.581	41.856	1.786.081	9.714	232,0	42.672,0	183,87
1961	105.047	92.635	6.032.387	23.863	257,6	65.120,0	252,79
1962	79.336	60.786	5.511.968	14.814	243,7	90.678,2	372,08
1963	91.213	77.351	9.750.317	17.787	230,0	126.054,5	548,17
1964		111.014	29.852.898	24.435	220,1	268.911,1	1.221,73
1965		140.152	46.828.048	26.219	190,9	334.123,2	1.750,25
1966 (*)		95.928	49.445.000	22.475	234,3	515.439,0	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
CACEX -- Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

devido aos bons preços recebidos pelos agricultores na última safra é de esperar-se uma boa safra no presente ano.

Ao que tudo indica, o nível das exportações brasileiras de óleo de mamona em 1967 deverá ser novamente superior a 100.000 toneladas, provavelmente ocorrendo uma redução nos preços, aliás conforme o dado projetado.

Para os anos futuros as exportações deverão continuar com as tendências até aqui registradas, a menos que outros países passem a integrar o mercado absorvendo parte da alta participação do Brasil no mercado internacional.

PIMENTA-DO-REINO

A produção de pimenta-do-reino no Brasil, tem sofrido incremento bastante grande nos últimos 13 anos, partindo de quantidades inferiores a 1.000 toneladas em 1953-54, para cerca de 9.000 toneladas em 1965, ou seja, um aumento de mais de 1.000%.

Paralelamente, as exportações brasileiras de pimenta-do-reino aumentaram de 533 toneladas em 1957 para 6.388 toneladas em 1966, observando-se que cerca de 70% da produção nacional destina-se ao mercado internacional.

Os preços conseguidos pelo Brasil (valores médios em US\$/t) no período de 1956/66 têm estado, em geral, em níveis elevados, porém indicando bruscas oscilações US\$ 453,3 em 1956, US\$ 1.303,3 em 1960 e US\$ 751,3 em 1963).

Esta série de valores foi projetada para o período 1967/71, pelo ajustamento das séries do valor total de exportação e das quantidades exportadas, indicando as seguintes estimativas: 9

ANOS	US\$/t
1967	821,2
1968	820,0
1969	818,8
1970	817,8
1971	817,0

Como se observa, existe uma tendência de ligeira queda dos preços.

9) Ambas as séries foram ajustadas por retas que explicaram 78,66% e 72,55% das suas variâncias para as quantidades exportadas e valores totais de exportação respectivamente.

QUADRO XVIII

PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE PIMENTA-DO-REINO
BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	711	—	—	—	—	—	—
1954	857	50	8.991	482	9.640,0	179.820,0	18,65
1955	1.232	—	—	—	—	—	—
1956	2.026	75	2.378	36	480,0	31.706,7	66,06
1957	2.317	533	15.529	232	435,3	29.135,1	66,94
1958	3.067	612	41.120	350	571,9	67.189,5	117,40
1959	3.363	2.502	305.304	1.899	759,0	122.024,0	160,77
1960	4.069	1.919	458.785	2.501	1.303,3	239.075,0	183,45
1961	4.687	2.935	749.675	2.909	991,2	255.425,9	257,70
1962	3.753	2.763	841.449	2.217	802,4	304.541,8	379,54
1963	6.454	2.377	1.007.941	1.801	757,7	424.039,1	559,65
1964	6.461	4.046	4.146.005	3.039	751,3	1.024.970,3	1.364,26
1965	8.943	7.396	11.008.070	6.028	815,0	1.488.381,5	1.826,23
1966 (*)		6.388	11.941.600	5.428	849,7	1.869.380,0	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
CACEX -- Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

O coeficiente de correlação observado entre a produção e o valor de exportação foi fortemente positivo ($\delta = 0,90$).

As quantidades de pimenta-do-reino movimentadas no mercado internacional têm estado em torno de 90.000 toneladas nos últimos anos, com a participação brasileira se situando entre 2,5 e 5,0% do total.

A posição relativa dos demais exportadores é a seguinte: Malásia (30%), Índia (18%), Indonésia (13%), Espanha (4%) e Madagascar (2%).

O principal importador tem sido os Estados Unidos, que tem absorvido mais de 30% dos volumes exportados.

Para 1967 o Brasil deverá pelo menos repetir as quantidades exportadas em 1966, a preços ligeiramente inferiores.

SISAL

A situação do sisal, bem como das fibras duras em geral (abacá e henequém) é de crise aparente nos países exportadores. O total dos volumes exportados tem-se mantido em razoável estabilidade (550 a 580 mil toneladas) nos últimos quatro anos, porém os preços, depois de atingirem altos níveis (média brasileira de US\$ 280,3/t) em 1963, reduziram-se praticamente à metade em 1966.

Os principais países produtores (Brasil, Tanzânia, Angola, Moçambique, Quênia e Uganda) acham-se de tal maneira preocupados com a situação, que recorreram à FAO, com vistas ao estudo do problema. Em princípio, cogita-se a formulação de um acordo internacional que teria a difícil tarefa de harmonizar um nível de preços desestimulante à competição dos sintéticos e ao mesmo tempo consideraria as necessidades dos países exportadores. Aliás, a competição dos sintéticos só não atingiu mais profundamente as fibras duras devido ao nível de preços extremamente baixos destas.

As tentativas de ajustamento das séries de valor médio, quantidade exportada e valor total da exportação não apresentaram resultados satisfatórios.¹⁰

A correlação entre a produção e o valor da exportação indicou um coeficiente ($\delta = 0,914$) fortemente positivo.

10) A série do valor médio não apresentou tendência determinada. Os dados da quantidade exportada foram ajustados por uma parábola de 2.º grau, que apesar de explicar 90,9% da sua variância, deve ser tomada com muitas ressalvas, pois a parábola passa por um máximo em 1966, decrescendo a seguir. A série do valor da exportação foi ajustada por uma reta ascendente. O resultado destes ajustamentos é que os valores médios (US\$/t) tenderiam a subir, situação que é irreal.

QUADRO XIX
 PRODUÇÃO, QUANTIDADE, VALOR TOTAL E VALOR MÉDIO DAS EXPORTAÇÕES DE SISAL
 BRASIL, 1953/1966

PERÍODOS	PRODUÇÃO	E X P O R T A Ç Ã O			VALORES MÉDIOS (FOB)		
		t	Cr\$ 1.000	US\$ 1.000	US\$/t	Cr\$/t	Cr\$/US\$
1953	66.411	22.332	108.508	3.926	175,8	4.858,8	27,64
1954	65.638	55.201	267.108	9.144	161,1	4.838,8	29,81
1955	89.798	80.342	519.781	11.291	140,5	6.469,6	46,03
1956	101.670	106.503	169.461	14.965	140,5	8.163,7	58,10
1957	102.320	99.984	852.550	12.784	128,0	8.534,5	66,69
1958	104.845	97.148	1.055.899	12.320	126,8	10.868,9	85,71
1959	141.467	113.481	1.833.862	18.355	161,8	16.160,1	100,00
1960	164.076	107.914	4.001.131	22.347	207,1	37.077,0	179,00
1961	170.000	128.655	5.915.978	24.793	191,7	45.983,3	238,62
1962	174.255	137.087	8.803.707	24.778	108,7	64.219,9	355,30
1963	199.299	129.998	19.633.962	36.442	280,3	151.032,8	538,77
1964	228.606	135.569	37.837.176	37.480	276,5	279.099,0	1.009,52
1965	241.965	150.246	42.944.412	24.778	180 /	285.827,3	1.744,64
1966 (*)		138.958	48.241.600	21.928	157,8	347.166,7	2.200,00

FONTE: S.E.E.F. — Serviço de Estatística Econômica e Financeira.
 CACEX --- Carteira de Comércio Exterior.

(*) Dados sujeitos a retificação.

Nesta configuração, a situação brasileira com relação ao sisal pode ser sintetizada da seguinte maneira:

1) Cêrca de 60 a 65% da produção nacional (Estados do Nordeste) destina-se ao mercado internacional.

2) A produção brasileira apresentou aumentos de cêrca de 15%/ano entre 1962 e 1965, sômente mostrando redução (produto não colhido) em 1966.

3) A qualidade da fibra brasileira é inferior à africana, o que em preço significa um diferencial de aproximadamente 10%, e mais do que isso nos anos de preço baixo.

4) A exportação brasileira tem representado de 21 a 23% do total comercializado internacionalmente.

5) As possibilidades para o Brasil em 1967, aos atuais baixos níveis de preços, não devem diferir muito dos resultados alcançados em 1966 (exportou-se cêrca de 138.000 toneladas), a não ser que prevaleçam safras reduzidas (pouco viável) nos principais países importadores, ou seja, Estados Unidos, C.E.E., Reino Unido e Japão.

6) As perspectivas para os anos futuros, principalmente a partir de 1970, são as piores possíveis.

Com relação às fibras sintéticas, sabe-se que apresentam inúmeras vantagens em relação às fibras naturais, quais sejam:

- a) São mais leves.
- b) Podem apresentar fornecimentos mais regulares.
- c) São mais resistentes.
- d) Podem apresentar preços mais estáveis.

SOJA

A soja é um dos produtos agrícolas, cuja participação brasileira no mercado internacional pode ser considerada esporádica. De um modo geral, as quantidades embarcadas nos últimos anos têm sido pequenas, sendo que em 1960 e 1964 nada foi exportado.

Trata-se, entretanto, de um dos produtos com maiores possibilidades para o Brasil considerando-se as condições de preço, com tendência de alta, a reduzida participação do País no mercado internacional (atingiu no máximo a 2% em 1962), demanda crescente do mercado graças à redução de oferta de produtos substitutos, e o grande potencial para o incremento da cultura, haja visto esta não estar mais confinada sômente ao Rio Grande do Sul, tendo sido,

nos últimos dois anos, produzida intensamente no Paraná e São Paulo, graças ao programa de diversificação.

O mercado internacional indica os Estados Unidos como produtor de cerca de dois terços do total mundial, além de reter mais de 90% dos volumes totais comercializados. A China Continental é o segundo maior exportador, com o Brasil logo a seguir, apesar da pequena e por vêzes esporádica participação.

Entre os países importadores, o Japão, a Alemanha, a Holanda, a Dinamarca e a Itália são os principais.

Para 1967, a demanda pelo produto deverá continuar acentuada, indicando preços superiores às médias (US 105 a 110) registradas em 1966. O ajustamento dos valores médios (US\$ por tonelada) conseguidos pelo Brasil não foi possível, pois a série (1953/66) não apresentou tendência definida. Também o cálculo, em função das estimativas de quantidade exportada e valores totais da exportação, não apresentou bons resultados.¹¹

O coeficiente de correlação entre a produção e o valor das exportações mostrou-se fracamente negativo ($C = - 0,16$).

Em 1967, mercê de uma safra que se prenuncia como recorde, o Brasil deverá ter condições de exportar um volume de soja superior a 200.000 toneladas.

A decomposição do preço FOB de soja (US\$ 110/t) corresponde a cerca de Cr\$ 16.000 por saco de 60 quilos pôsto em Pôrto Alegre, considerando a taxa de conversão de Cr\$ 2.700 por dólar, enquanto que o preço interno no mercado atacadista de Pôrto Alegre situava-se em tórno de Cr\$ 14.000 em janeiro de 1967.

11) Em ambos os casos as ajustantes foram retas que se apresentaram paralelas ao eixo dos x, e, portanto, estacionárias. As flutuações, porém, em tórno desta reta, são enormes. As percentagens das variâncias explicadas (coeficiente de detreminação) foram de 29% e 0,3% e 0,3%, o que não permitiu estimativas adequadas.

BIBLIOGRAFIA

- Antônio Delfim Neto, Affonso Celso Pastor e Eduardo Pereira de Carvalho — *Agricultura e Desenvolvimento no Brasil* — Estudos ANPES, n.º 5 .
- Banco Central da República do Brasil — *Relatório—1965* — *Boletim do DEPLAN* — V. 2 — N.º 1 — SUNAB.
- CACEX-SUEXP — *Comércio Exterior do Brasil* — 1954-1963 — Comissão de Estudos da Política do Cacau — Relatório.
- DEPARTAMENTO ECONÓMICO — Ministério da Agricultura — *Previsão de Safras — Estimativas do Consumo Aparente* — *Estimativas dos Excedentes Exportáveis* — Janeiro, 1967.
- Divisão de Economia Rural — Secretaria da Agricultura — *Agricultura em São Paulo*. n.ºs. 5/6 — maio/junho, 1965 e n.ºs. 1/10 — setembro/outubro, 1965.
- FAO — *Boletim Mensal de Economia y Estadística Agrícolas*, — vol. 15, septiembre, 1966. — Los Productos Sintéticos y Sus Efectos en El Comercio Agrícola — Serie Sobre Productos — 38. — Trade Yearbook — Vol. 19-1965.
- Ministério das Relações Exteriores (STAP)
Erva-mate Cancheada e Beneficiada — Monografia (59-60)
Fumo — Monografia (169 e 170)
Laranjas — Monografia (61, 62 e 63)
Divisão de Produtos de Base — *Notas sobre o Comércio Internacional de Cacau* — 1966.
Mamona e Óleo de Mamona — Monografia (96 e 97).
Divisão de Produtos de Base — *I Sessão do Grupo de Estudos da FAO Sobre Fibras Duras* — 1966.
Relatório Mensal sobre Mercado de Produtos de Base — Dezembro, 1966.
- U.S. Department of Agriculture — *Economic Research Service* — *The Western Europe Agricultural Situation* — ERS — Foreign — 149.
The USSR and Eastern Europe Agricultural Situation — Idem, — 1951.
The Far East, Mainland China, Oceania Agricultural Situation — Idem, 152.
The Africa And West Asia Agricultural Situation, Idem, — 1953.
The Western Hemisphere Agricultural Situation, Idem, 154.
The World Agricultural Situation, — Report n.º 28 e 33.

Comentador: *Dr. Domingos Desgualdo Netto*

Meus Senhores,

Provavelmente a regra jurídica de que “quem pode o mais, pode o menos”, esteja neste momento, sofrendo uma das suas mais sérias exceções... Felizmente, para confirmar a regra, dir-se-ia... Trata-se do fato de que este servidor da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, por boa vontade manifesta de quem o determinou, vê-se contingenciado a comentar o trabalho aqui apresentado pelo colega Victor José Pellegrini, em confessa inferioridade ante aos termos em que poderia fazê-lo, com maior agrado do auditório, colega Mauro de Souza Barros, a quem nos incumbe a difícil missão de substituir.

Entendemos que quem comenta deveria ter, antes, a capacidade de produzir estudo ao menos da substância do comentado. Assim, por descaminhos, acabamos nós podendo o mais — o comentário — quando, e porisso dizíamos ser paradoxal, provavelmente não tivéssemos o condão de produzir o menos — a obra comentada. Esta constatação, assim de público reconhecendo a inversão das proposições, consubstancia os cumprimentos que desejamos apresentar ao Autor pela escorreita colocação que deu ao seu mistér.

Para o estudo “Exportação dos Produtos Agrícolas” seguiu o Autor o seguinte caminho:

- 1.º — retrospecto da exportação em 14 anos, para 16 produtos;
- 2.º — estimativa de quantidade e valôres da exportação de 16 produtos, para 1967;
- 3.º — projeção da produção de 16 produtos para 1967/71;
- 4.º — para 10 (dez) produtos, estimativa de cotações internacionais desde 1967 até 1971. Para os seis demais produtos, por diversos tipos de distorções e dificuldades, não foi possível ao Autor obter estimativa. Para

os dez produtos acima mencionados: açúcar, algodão, banana, cacau, café, erva-mate, fumo, laranja, óleo de maona e pimenta-do-reino, o Autor encontrou 1967 e 1971 com aumentos estimados em dólares por tonelada no mercado internacional: açúcar, banana, café e laranja (4 produtos) e com quedas estimadas de cotação: algodão, cacau, erva-mate, fumo, óleo de mamona e pimenta-do-reino (6 produtos).

Para os quatro produtos de possível posição estimada futura favorável, isto é, os quatro produtos — açúcar, banana, café e laranja, tem o colega o cuidado de chamar a atenção para que se observe o seguinte:

1.º — *açúcar* — a) o nôvo dólar (Cr\$ 2.700) já era necessário para a produção de 1967 não ser gravosa; b) a constância previsível, de preços em dólares para os anos seguintes, exigiria novas desvalorizações internas e êle friza que só um acôrdo mundial do açúcar seria “tábua de salvação”.

2.º — *banana* — há perspectivas de uma evolução prevista à página 21 acrescida da observação que se refere a um mercado restrito: Uruguai e Argentina.

3.º — *café* — aparece com uma elevação um tanto alta que o Autor explica ser decorrente de uma superestimação, de vez que somente 77% da variância da série está explicada na sua conclusão.

4.º — *laranja* — embora apresentada em evolução favorável, os comentários da página 40 sôbre o aspecto conjuntura servem para obnubliar qualquer conclusão mais otimista decorrente do “facies” numérico.

Pela própria natureza do estudo — e isto é mera constatação pessoal, projetaram-se cotações no mercado internacional e não quantidades exportáveis àquelas cotações. Claro que pelas interrelações ocorrentes nos diversos mercados, é um tanto difícil apreciar os fatos da competição na sua dinâmica futura; de qualquer modo o estudo instruiria raciocínio numa faixa antes de tudo conceitual.

Evidentemente, entre os produtos primários, as exportações de alimentos se oferecem em um mercado cuja demanda nos países desenvolvidos cresce lentamente em virtude dos altos níveis de consumo de alimentos “per capita” por êle já alcançados. Para ampliar as exportações encontram êsses produtos tendência sempre presente da queda de preços provocada pelo lento crescimento da demanda.

O Autor mergulhou num passado de 14 anos e 16 produtos, analisou-o, ponderou-os e estimou preços futuros, tudo da página 7 em diante. Entusiasmou-se com seu trabalho, não viu uma perspectiva muito brilhante, mas por um processo elogiável de enfrentar o problema, voltou à introdução até a página 6, fazendo aquilo que na nossa desprezível opinião é muito mais que a introdução; é a conclusão. Mais do que isto: é a sugestão. Sugestão que é o ponto alto do trabalho na expressão de conceitos que indicam um amadurecimento nascido do reflexivo contato com os dados compulsados. Embora pessoalmente admitamos discussões sobre os itens 1, 2 da pg. 5, o item 4, no seu subitem d, implica em toda uma filosofia de ação. Aliás compulsando os dados oferecidos, considerando-se as flutuações para 1967, isto significaria, afóra café, para 1971, uma queda em dólares de 22,5 milhões.

O estímulo preconizado à semi-manufatura e a manufatura, será passo sem dúvida decisivo no sentido da melhoria do denominador na relação de trocas.

O conjunto de medidas preconizado à pg. 5 se integra no pressuposto de que o intercâmbio comercial sendo necessário a todos os países visa à elevação do mesmo até o ponto máximo da sua eficiência global.

Todavia, o A. pode inclusive no futuro e com pequeno trabalho adicional, incluir alguns assuntos um tanto controvertidos no que tange a posição do Brasil no mercado internacional como por exemplo:

1.º — relação tamanho (população) dos países com sua exportação de produtos primários (mais especificamente agrícolas).

2.º — cotejo da participação da agricultura sobre o total da exportação em outros países em desenvolvimento.

Finalmente, se a série histórica passada é eventualmente desfavorável e conseqüentemente se tema que ela se projete também em desfavorável história futura, há a possibilidade da interferência de uma política global capaz de impedir que os acontecimentos futuros sejam um repetido e indesejável etc.

Nós acreditamos que o A., a quem cumprimos neste ensêjo, ainda tem muito de si para dar em resposta aos apelos dessa problemática da deterioração de trocas cujo engaste está no núcleo da busca da soberania via crescimento econômico.

Comentador: *Cyro Freire Cury*

O trabalho elaborado pelo Dr. Pellegrini aborda um tema que tem sido uma verdadeira angústia para os países subdesenvolvidos, de economia reflexa.

A deterioração que, de um modo geral, se verifica nos preços dos produtos agrícolas transacionados no mercado internacional, realmente, tem-se constituído em fator de desânimo e desestímulo para os países produtores nas suas tentativas de fixação de mercados que permitam a realização de uma política eficaz de exportação.

Como diz o autor, "a rigor, não existe teoria, princípio ou fórmula que rigidamente seja capaz de orientar as diretrizes para um determinado produto ou para um determinado país, com relação ao mercado internacional".

A receita indicada, a nosso modesto ver, está correta. Poderíamos enfatizar aquêles aspectos que são absolutamente fundamentais no estabelecimento de uma política de comércio exterior (em relação aos produtos agrícolas), e que se circunscrevem entre os elementos básicos de uma infraestrutura agrícola. A produção econômica, decorrente do uso de áreas apropriadas, da aplicação de conhecimentos tecnológicos; um sistema de estocagem condizente com uma política agrícola de longo prazo; padronização que atenda aos requisitos do mercado internacional, são indispensáveis fatores de calço para se entrar no "jôgo" do mercado internacional dentro das regras vigentes.

Gostaríamos de comentar, em particular, a medida de caráter geral recomendada em relação a estudos de mercados.

Nossa condição de antigo funcionário da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil nos permite avaliar a transcendental importância dessa medida. Não nos referimos tão somente à análise de laboratório, científica. A nosso ver, deveríamos espalhar pelo mundo economistas viajantes, investigadores, "olheiros" (perdoem a expressão), que teriam a finalidade de transmitir o comportamento de com-

petidores e consumidores pela apreciação dos fatos e casos ocorrentes.

Deixaremos de comentar as análises dos principais produtos agrícolas apresentadas no trabalho, pois, simplesmente confirmam as teses do autor.

Suspeitos para falar do CONCEX, cuja Secretaria Geral integramos por força mesmo da nossa condição de funcionário da CACEX, permitimo-nos todavia dizer a propósito que se trata de mais uma tentativa, bastante consciente, do Governo, de se aproximar do equacionamento dos problemas de exportação e que, devido a ser recente sua implantação, ainda não possibilitou divisar com clareza seus resultados práticos.